

CONSTANTINO JOSÉ DA SILVA

**Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Constantino José da Silva e aprovada
pela Comissão Julgadora em __/__/__**

Data: _____

Assinatura: *Constantino José da Silva*

AULA: AÇÃO FORTE PARA O ARGUMENTO FRACO

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
- 1989-**

UNICAMP

UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
BIBLIOTÉCA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, na área de Concentração em Metodologia do Ensino, à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Carlos A. V. França.

COMISSAO JULGADORA:

Imadur
Luiz de S. B.
Carlos W. F. Romo

AGRADECIMENTOS

O trabalho a que me propus ofereceu inúmeras dificuldades, devido à sua própria natureza crítica ao evidenciar desequilíbrios e procedimentos que não valorizam o ser humano. Desequilíbrios estes que são bem típicos do Século XX que está terminando.

Consegui enfrentar estas dificuldades porque tive uma orientação segura em relação ao manuseio das ideologias, durante meus estudos, e isso devo ao Prof. Dr. José Dias Sobrinho.

As ideologias foram dirigidas para o mundo das teorias humanistas e, assim, surgiu um procedimento prático plausível para a época atual. Consegui superar essas dificuldades porque meu orientador, Prof. Dr. Carlos Franca desempenhou um papel bastante significativo para mim.

Numa proposta humanista, viável, abrangente e de vanguarda, foi muito gratificante encontrar o apoio que encontrei.

RESUMO

Aula: ação forte para o argumento fraco foi uma oportunidade que tive para argumentar, com um encadeamento de raciocínios humanistas, que o simples fato de dar aula poderá ser uma prática de vanguarda, constituindo-se numa proposta educacional alternativa para o final do século que está chegando.

Num primeiro momento, apresentei a "dissecação" de uma aula com seus desencontros e falta de autenticidade, tal como a percebo ao longo da experiência de 25 anos de magistério.

Num segundo momento, a aula é discutida criticamente como um oportunidade que, a partir do respeito mútuo e da real valorização do ser humano, ela possa transmitir uma mensagem significativa e vinculada aos reais interesses dos envolvidos, havendo assim uma interação cognitiva e afetiva no ato de aprender.

A aula é tanto o início como o fim dos meus argumentos, pois é o centro de todas as atenções que proponho para valorizar o indivíduo.

A aula está intimamente ligada com o meio de sua atuação, tanto quanto com todos os fatores que influenciam este meio, entre os quais destaquei os fatores ecológicos, alimentares e econômicos.

O emaranhado de interferências que ocorrem no âmbito social e, conseqüentemente, no escolar, e que não visam realmente à valorização humana, considereirei como o argumento fraco, pois o ser humano é o centro do meu estudo crítico.

Não pretendi, em nenhum momento, ensinar ou fornecer regras de como uma aula deva ser dada, mas me propus, o tempo todo, a demonstrar que a aula poderá ser a ação forte, a criadora de uma situação de vanguarda, a propulsora de um novo patamar e até mesmo a portadora de condições para que um mundo mais humano surja do próprio desequilíbrio reinante na atualidade.

INDICE

INTRODUÇÃO

1. Ponto de partida.....	09
2. Objetivo.....	10
3. Escolha da bibliografia suporte.....	11
4. Procedimento metodológico.....	12

CAPITULO I

Anatomia de uma aula.....	15
---------------------------	----

CAPITULO II

Fatores de influência	21
1. Argumento fraco - ação forte.....	21
1.1 Crise generalizada.....	22
2. Três fatores geradores de crise.....	24
2.1 Fator ecológico.....	24
2.2 Fator alimentação.....	27
2.3 Fator econômico.....	28

CAPITULO III

Ecologia em conflito.....	31
1. Aula: uma oportunidade para se conhecer a natureza.....	31
2. A Ecologia sob diferentes óticas.....	36
3. Conflito: estímulo para uma saída alternativa.....	40

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

CAPITULO IV

E nas escolas: mudanças e mais mudanças.....	43
1. E a escola continua assim.....	43
2. As leis...sempre!.....	48
3. O aluno cada vez mais distante.....	51

CAPITULO V

Aula como uma prática de vanguarda.....	57
1. Ordem e desordem.....	57
2. Aula em ação.....	59

CONCLUSÃO

Aula como ação forte.....	64
---------------------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	71
--------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A TRAJETÓRIA DESTE TRABALHO

INTRODUÇÃO

1. PONTO DE PARTIDA

Tudo começou quando iniciei minhas atividades docentes e passei a fazer das aulas o meu grande centro de interesse, "meu mundo", meio de sobrevivência, minhas aulas de Biologia, meio de satisfação.

Minha vida profissional, meus interesses predominantes conduziram-me às pesquisas e ao mundo complicado da Sistemática, Ecologia, Anatomia Humana; e a prática do dia-a-dia levou-me ao estudo da Pedagogia.

Da interação dessas duas áreas distintas e, para mim, uma só, passei a estudar, praticar e analisar. Essa prática metodológica foi absorvida durante 25 anos que não senti passar, mas o "lecionar", muitas vezes, e agora mais ainda, gera-me tristeza, quando ponho-me a pensar na interação da realidade econômica com a grande crise político-social que o país atravessa e que se reflete diretamente nas condições de trabalho do professor brasileiro.

Dentro dessa caminhada, houve momentos significativos para mim como as "Feiras de Ciências" e o meu curso de Pós-Graduação em Educação, onde tive a oportunidade de entrar em contato com um outro mundo, o das "ideologias". Também encontrei

dificuldades que me fizeram estudar muito mais do que eu estudara em Entomologia, Anatomia Humana e Alimentação, a ponto de não conseguir entender algumas coisas.

Com o passar do tempo, consegui começar a entender essas "dificuldades" e pude integrá-las no meu pequeno mundo. Hoje, não sei mais separar este mundo do emaranhado de coisas e, assim, vejo a Biologia tão integrante no Social e este tão integrante na Biologia, que ambos fazem parte das grandes "ideologias" que dominam o mundo.

A aula foi a melhor maneira que encontrei para me relacionar com as gerações que me antecederam e as que me sucederão. Foi a oportunidade que tive para conhecer pessoas e foi através das aulas que senti seus anseios, suas ilusões, suas esperanças (de esperar, de ver, de contribuir, de participar de um mundo mais humano).

De uma aula simples, presa a um livro ou a uma ficha-esquema, evolui para uma aula que caminha em todas as direções, onde o aluno é o alvo, o infinito a ser atingido, onde os conhecimentos não têm fim para a mente humana com sua extraordinária capacidade de integrar fatos.

2. OBJETIVO

Envolvido nesta problemática, apresento uma tese argumentativa, com um encadeamento de raciocínios que demonstrem a relevância e validade do tema abordado: "Aula: ação forte para o argumento fraco".

Para tanto, proponho-me a discutir criticamente a aula,

como uma oportunidade que, partindo do respeito mútuo e da real valorização do ser humano, seja capaz de transmitir uma mensagem significativa, conscientizadora, vinculada aos reais interesses dos envolvidos, permeada por uma perfeita interação cognitiva e afetiva. Aula como ação forte contrapondo-se a determinados argumentos vigentes na atualidade e que, em seu conjunto, compõem o argumento fraco da desvalorização humana.

3. ESCOLHA DA BIBLIOGRAFIA SUPORTE

Para escolher uma bibliografia que pudesse atender ao objetivo proposto, tive muita dificuldade devido a natureza do próprio objetivo.

Procurei basear-me no "Contra o Método" de Paul Feyerabend, e para isso fiz um estudo bem analítico e crítico. Ao terminar, considerei que precisava complementar este estudo, e encontrei tal complementação na "Lógica Formal/Lógica Dialética" de Henri Lefebvre.

A essa altura, minha práxis já estava bem fundamentada, entretanto, senti necessidade de fazer mais leituras que me ajudassem a pensar a vida em sua complexidade, conseguindo isto nas leituras do autor Edgar Morin, em suas obras: 1. "La Méthode"; 2. "La Nature de la Nature"; 3. "Pour Soutir du XXe. Siècle".

Estava assim formado o referencial básico que me fez sentir possível começar a procurar atingir o objetivo proposto. Ao longo desta caminhada, foram surgindo interesses e necessidades de consultar outras obras que foram legitimando meus argumentos.

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Como a bibliografia suporte era bastante abrangente, tive que fazer um triagem rigorosa no sentido crítico, para enfrentar a trajetória que escolhi, a qual estava relacionada com o ensino no Brasil e suas interações incidentes na década de 80 e, praticamente, no fim do século XX.

Minha intenção é sugerir, dar um grito de alerta, para que aula possa ser realmente uma ação forte a favor da valorização humana, que está sendo tão ameaçada. A pessoa cada vez mais é tomada como meio de acesso e, raramente, como centro dos acontecimentos humanos.

Nas considerações, análises e críticas que fiz, procurei utilizar-me do método de indução e dedução, visando a obtenção de conclusões e sugestões plausíveis, na tentativa de suscitar mudanças neste estado de coisas (Feyerabend, 1977, p. 23-26).

Não pretendo aqui nesta introdução, como em nenhum outro momento do trabalho, ensinar ou veicular regras de como uma aula deva ser dada, mas quero demonstrar, o tempo todo, que a aula poderá ser a ação forte para muitos argumentos fracos, visando sempre ao maior respeito e valorização do potencial humano.

No capítulo I, "ANATOMIA DE UMA AULA", procurei dissecar uma aula, ressaltando os aspectos que mais chamaram minha atenção ao longo do meu trabalho docente. A intenção foi caracterizar o desenvolvimento de uma aula para poder, no decorrer desta dissertação, argumentar a alternativa proposta: "Aula : ação forte para o argumento fraco".

No capítulo II, "FATORES DE INFLUÊNCIA", optei por relatar o período atual como repleto de transformações, que atingem deste o meio ambiente até o homem, este mesmo homem que está sendo explorado pelo próprio semelhante, mas que, apesar disto, existe ainda a esperança de novas propostas capazes de inverter este estado de coisas. Neste sentido é que as aulas poderão dar sua contribuição para uma mudança tão desejada.

No capítulo III, "ECOLOGIA EM CONFLITO", procurei enfatizar a importância da aula para melhor se conhecer a Natureza, que está sendo interpretada de diferentes maneiras, com comprometimentos também diferenciados, gerando conflitos. Procurei esclarecer a origem dos conflitos, aproveitando a oportunidade para sugerir uma saída alternativa.

No capítulo IV "E NAS ESCOLAS: MUDANÇAS E MAIS MUDANÇAS", comentei a oportunidade que a escola aproveita para acompanhar as diversas transformações que ocorrem neste final de século, realizando inúmeras mudanças que estão sempre amparada por lei, as quais, de certa forma, incentivam a escola para que continue reproduzindo o próprio sistema que a criou e a mantém. Assim, em virtude desses procedimentos, os alunos vão ficando cada vez mais distantes de tudo que está realmente acontecendo no mundo e a escola continua a exercer sua autoridade alienante.

No capítulo V, "AULA COMO PRÁTICA DE VANGUARDA", considereei uma proposta alternativa para modificar as situações que vivemos, através do melhor aproveitamento do potencial representativo da própria individualidade, explorada ou não, de que cada

ser humano é portador.

A conclusão, "AULA COMO AÇÃO FORTE", tem a intenção de transmitir uma mensagem a quem possa interessar, não se preocupando com o prazo em que isso venha a acontecer.

Dessa forma, na seqüência dos enfoques abordados nos capítulos acima expostos, busquei concatenar argumentos e justificativas para fazer com que a aula venha a ser uma ação forte para combater, vigorosamente, todo argumento que não esteja fundamentado na valorização humana.

CAPITULO I

ANATOMIA DE UMA AULA

CAPITULO I

ANATOMIA DE UMA AULA

Começa uma aula!

Começa uma aula pela significação do encontro, quando existe algo que a motive.

Começa uma aula, começa-se em qualquer lugar, desde a mata, o campo florido, o fundo do mar, o mangue, a sala ambiente, o laboratório, ou a simples sala de aula (Sanfelice, 1986, p. 83).

Começa uma aula quando se tem vontade de contar a experiência adquirida, e de sentir que os alunos querem dar um passo para frente.

Começa também uma aula, quando não se tem vontade, porque é a décima do dia e ainda faltam mais duas.

Começa também uma aula, a que os alunos foram, mas não sabem bem para quê, talvez para o intervalo.

Começa assim mesmo uma aula, que não tem lugar certo, não tem pessoas certas, mas tem um endereço certo, o aluno, indivíduo íntegro com capacidade cognitiva e afetiva para ser desenvolvida.

Pronto! Vai começar a aula.

A aula é o indicador mais fiel do estado em que se encontra a escola, pois ela é o resultado da interação entre as consequências da crise sobre a escola, como também da interação

da escola com seus envolvidos (professores, alunos, comunidade).

Uma aula começa e termina sucessivamente ao longo dos três períodos do dia, envolvendo inúmeros participantes e, através de sua dissecação, fica mais fácil saber as características fundamentais dos argumentos usados.

O ambiente que o professor estabelece com os alunos nem sempre é agradável. Como ele vai estabelecer um ambiente aconchegante se ele também é contaminado pelo ambiente?

As influências econômicas, a natureza deturpada, a alimentação fragmentada, a burocratização influenciando o procedimento da escola para com todos. Um mundo confuso, onde as coisas são tristes e pesadas, tudo para não se entender nada.

E os problemas afetivos?

E o professor como gente, como pessoa? Onde está?

Quem é ele bem no seu íntimo?

Tudo isso acontecendo, mas a aula tem que começar!

Todavia o aluno também não fica isento. Tudo isso acontece com ele também.

Um aluno massacrado, pisado, cortado em toda a sua criatividade, mas está presente e a aula tem que começar. Dizer das coisas e dos procedimentos necessários para que a aula seja triunfal, cairia na formulação de receitas prontas que, na realidade, não funcionam, mas continuam sendo formuladas nos livros de didática.

As Faculdades estão aí, os cursos são dados, tanta gente se preocupando com informações e mais informações, provas e mais provas. Medir com maior precisão o que não é ensinado. Como?

A crise influindo em tudo, também os professores, os baixos

salários predominando, os reajustes irrisórios, tudo desanimando.

Pensar em reformas, mudanças e mais mudanças, decretos, leis, ilusão e mais ilusão.

Mas a aula tem que começar!

Assim começa a aula.

Uma matéria na lousa, com uma letra nem sempre legível. Um quadro negro escrito desordenadamente, um lapso de tempo e tudo está reproduzido num caderno.

Na explicação do professor, a atenção do aluno saiu da sala e foi para bem longe.

As explicações continuam, um som alto, um desgaste físico acentuado.

Quem é beneficiado?

Interferências provenientes da rua, da sala, dos corredores, tudo interferindo e a aula continuando.

Outras vezes são os exercícios, tantas dificuldades aparecem, ninguém entende e não se sabe para que servem no dia-a-dia.

Uma leitura, num livro que vai sendo lido com o passar das aulas.

Por que leitura?

Um aluno não concorda com o pensamento do autor. Paciência, ele é autor e você aluno, alguém repete.

Mas quem é o autor, ele quase nunca está presente nos textos, mas as capas são coloridas, bem apresentadas e o seu nome está lá.

Para que serve esta matéria?

Qual o seu planejamento?

Qual é o critério das avaliações?

Chegou a prova, a estratégia e quase sempre a mesma. Testes, perguntas e respostas, mas sempre em função dos textos dados. Se houver mudanças, todos reclamam.

Um filme, uma explicação, uma video-fita, outra explicação, exercícios.

O que o aluno pensa da aula?

Poucos falam, quando falam, alguém não gosta e tudo fica como antes.

Quem toma providência?

As vezes algumas providencias são tomadas. Quais são as verdadeiras razões?

Quase sempre elas não são visualizadas corretamente pelo aluno.

Eles pensam que tiveram influência nas decisões, mas nem sempre isto acontece, foram mais uma vez usados para outros fins.

Os regulamentos estão valendo, são amparados por leis. Uma aula atrás da outra, todas são registradas nos diários de classe, as faltas são assinaladas para alguém conferir e dizer: "aqui corre tudo bem, tudo está tão organizado".

Muitas vezes os alunos recebem tarefas difíceis que servem apenas para dizer: "a escola é muito rigorosa".

A aula foi interessante, o professor variou "bastante", seus objetivos foram atingidos pelo uso adequado de técnicas de ensino e todos acabaram gostando.

Vale a pena valorizar este trabalho?

Claro que sim, mas é preciso que cada vez mais este trabalho seja legitimado no aluno, de tal forma que uma simples aula vá

se transformando numa aula que seja uma ação forte, pois começa a remover barreiras visualizadas pelos alunos.

O terceiro período de um dia letivo está terminando, e a aula vai penetrando na escuridão da noite, e as fisionomias dos alunos indicam o que eles estão pensando e estão querendo.

Vale a pena continuar esta aula!

Precisa haver uma constante adaptação da matéria aos interesses dos alunos, não adianta nada prosseguir com a matéria, se ninguém quer entender. E necessário ouvir a opinião dos alunos e não usar os métodos punitivos amparados pela legislação. Isto a escola gosta muito de fazer e encontra o apoio de muitos.

Uma programação não deve ser rígida e nem obedecida com "rigor", pois este rigor fica sendo falso, na medida em que a programação foi entregue no começo do curso e os alunos não eram conhecidos.

Qual a sua validade?

Muitos dizem: "aqui os programas são obedecidos, por isso a escola é..."

As provas precisam ser feitas?

Por que não usar outras formas de avaliação?

Quem deve participar da escolha?

Sempre os alunos.

E a sala de aula continua sendo o lugar preferido das aulas, mas os auditórios também são usados por muitas Faculdades, pois as informações são passadas para uma boa quantidade de alunos e todos estão presentes até que a lista de frequência começa a ser passada. E depois....

O professor fica falando, lendo, mencionando textos e usando

termos científicos para o discurso ficar diferenciado.

Qual a profundidade dessa mensagem?

Onde é percebida a valoriação do professor?

Já ouvi bastante frases como as que se seguem:

"Esta aula é boa, e muito rigorosa".

"A prova é uma beleza, facilita a comunicação".

"Não entendo nada, ninguém entende nada!".

"O professor faz experiências, a aula é divertida, um
"barato".

"Amanhã vou ser operado do coração, meu médico é cirurgião e
professor".

Essas frases podem significar que tudo é muito confuso, não
existe uma conscientização das coisas. E as aulas continuam e
continuam com uma intensidade muito grande.

E como fazer para resolver os problemas que a vida
proporciona?

Incentivar as práticas de ensino nos cursos de licenciatura
é uma saída?

Usar aulas já gravadas é uma boa solução?

Selecionar os alunos é uma outra opção?

Adotar uma outra técnica e dizer que é bem melhor, pois já
foi amplamente utilizada no exterior, é isto viável?

Como proceder para este estado de coisas ser alterado?

CAPITULO II

FATORES DE INFLUÊNCIA

CAPITULO II

FATORES DE INFLUÊNCIA

1. ARGUMENTO FRACO - AÇÃO FORTE

A aula é tanto o início como o fim dos meus argumentos, pois é o centro de todas as ações que proponho para valorizar o indivíduo, tanto nos seus aspectos cognitivos como nos afetivos.

A aula está intimamente ligada com o meio de sua atuação, como também com todos os fatores que influenciam esse meio. É uma verdadeira teia de interferências que se inter cruzam no âmbito escolar, ficando difícil dizer onde começa e onde termina.

Tracei um caminho para tentar tornar claras estas influências que agem e se integram na escola e no mundo em que vivemos. Todas essas interferências que ocorrem e que não visam a verdadeira valorização humana, considereirei como argumento fraco, pois o homem é o centro do meu estudo crítico (Feyerabend, 1977, p. 41).

A valorização do indivíduo implica, inicialmente, em mostrar os argumentos que o enfraquecem (argumentos fracos), que o dirigem para o lado adverso ao da sua potencialidade (Lefevbre, 1979, p. 44).

É pensando na aula, na sua complexidade plena, na sua indiscutível amplitude, na sua significação desejada, na sua influencia comprometedora e no levantamento de suas implicações, que vou procurar evidenciar acontecimentos que, de certa forma, podem até mesmo ser considerados dispersos, mas minha intenção é estimular a variedade de informações e procedimentos para melhorar o conhecimento objetivo dos fatores que devem considerar, em primeiro plano, o ser humano, visando realmente à sua valorização.

Essa oportunidade de evidenciar procedimentos, de gritar dirigido a alguém, a todos que queiram ouvir, de fazer cair o argumento que não valoriza o ser humano; é o que valorizo, afirmando que existe uma ação forte para tentar modificar o estado de coisas que forma o argumento fraco incidente no mundo.

1.1 A Crise Generalizada

A crise energética está chegando, a assistência social cambalhoando, os índices de poluição atingindo níveis insuportáveis, necessitando de intervenções e proibições nas áreas afetadas. Os agentes poluidores, muitas vezes, ou quase sempre, são constatados, mas não substituídos. De repente, um acidente ambiental qualquer, e depois tudo continua a mesma coisa...

A violência na comunicação entre as pessoas continua e cada vez aumenta mais. As idéias, as opiniões, muito menos ainda são respeitadas. Tudo tem um interesse, um objetivo que nem sempre se apresenta claro, pois a ideologia trabalha para resistir aos choques.

As altas taxas de juros, especulações financeiras, os preços das ações sobem e descem com a mesma velocidade, as taxas de inflação altíssimas, o desemprego aumentando segundo as estatísticas não-oficiais ou reduzindo vagarosamente segundo as oficiais, mas nem por isso os jornais deixam de apresentar cadernos especiais de ofertas de empregos, muitas vezes ilusórias. Muitos interessados, poucas vagas e que nem sempre satisfazem os anseios dos selecionados.

A situação econômica vai ficando cada vez mais difícil e reflete-se cada vez mais em todos os segmentos da sociedade.

A população vai ficando cada vez mais mal alimentada, mais doente e menos possibilitada de estudar, e o lazer vai ficando para um plano bem distante.

A escola recebe toda essa influência e assim vão aparecendo indicadores bem visíveis como, por exemplo, baixa frequência às aulas, alunos cansados, mal alimentados, falta de recursos materiais nos laboratórios, baixo salários dos professores. Desta forma, estes indicadores servem para demonstrar a queda da qualidade do ensino que vai sendo instaurada no país, principalmente nas escolas públicas.

É neste cenário de incertezas, de dúvidas, de contradições, que a década de oitenta vai chegando ao fim; diminuindo cada vez mais a esperança de esperar por uma escola mais justa, mais humana, menos contraditória, mais preparada para atingir os interesses e necessidades dos alunos.

Por que a aula como ação forte é importante?

Porque é através dela que os acontecimentos podem ser conscientizados, analisados, os erros corrigidos e novas

idéias e oportunidades poderão surgir para que mudanças sejam propiciadas. Porque através dela, a Educação se realiza e novos caminhos poderão ser delineados como resultado da estimulação e valorização das potencialidades humanas.

2. TRÊS FATORES GERADORES DE CRISE

Crise é a interação de várias forças incidentes que desequilibram as ações humanas, provocando um estado de perplexidade, de dúvida, mas, por outro lado, provoca uma vontade de mudança, de luta.

Crise é divergência, sem deixar de ser uma oportunidade para se buscar saídas, para o abandono das referências que proporcionam uma visão de mundo obsoleta.

2.1 Fator Ecológico

Hoje o mundo está globalmente interligado e os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes.

Para descrever esse mundo apropriadamente é necessário uma outra perspectiva ecológica, cujo ângulo de visão permita a elaboração de um método capaz de integrar vários fenômenos diferenciados, todavia, mutuamente interligados.

"A escolha não se situa entre o saber particular, preciso, limitado, e a idéia geral abstrata, situa-se entre o luto e a investigação de um método capaz de articular aquilo que está separado e de unir aquilo que está dissociado." (Morin, 1977, p.15) 1

Admitir que essa preconizada crise, ou melhor, uma onda de mudanças, de transformações, nem sempre lógicas, coerentes, humanitárias, seja motivada por uma visão de mundo obsoleta, é bastante possível.

Pelo estudo dos fenômenos biológicos é possível perceber com facilidade que eles estão intimamente interligados com os psicológicos, com os sociais e todos com os ambientais.

Quando em 1973, fui ao congresso da S.B.P.C., no Rio de Janeiro, expor que dada a essa visível interação, era necessário ensinar a disciplina Ecologia desde a pré-escola, até o segundo grau, isto causou estranheza em alguns e a proposta foi bastante debatida.

A ênfase que dera no Congresso estava dirigida no sentido de melhorar o ambiente, em benefício da própria população. Referia-se também aos cuidados ecológicos ao se combater as pragas que afetavam a agricultura, não no sentido de combatê-las usando-se mais um inseticida específico, mas visando a busca de conhecimentos para incentivar as pesquisas de controle biológico.

Hoje o estudo da Ecologia já abrange todos os níveis de ensino. Acredito que isso seja importante, embora discorde dos aspectos abordados. Temos muitos livros de Biologia que apresentam índices semelhantes, abordagens semelhantes, onde o autor não passa de um mero informante de fatos, sem aproveitar a oportunidade de passar as mensagens por ele vivenciadas.

Nesse âmbito, as programações escolares foram propostas e em nenhum momento foi perguntado ao aluno em que ele tem interesse, quais são os seus anseios, suas necessidades e dúvidas.

Adotar uma nova perspectiva do mundo ecológico não é um trabalho fácil, mas esta tentativa é possível. Por outro lado, é bom provocar uma rejeição da perspectiva atual, para se tentar uma vida mais gratificante (Feyerabend, 1977, p. 22).

Aparecem sistemas de várias ordens que não são inteligíveis mediante a investigação de suas respectivas partes isoladas. Concepções e problemas desta natureza surgiram em todos os planos da Ciência, quer o objeto de estudo fossem coisas inanimadas, quer fossem organismos vivos ou fenômenos sociais. Foi pensando assim que Bertalanffy enunciou o postulado de uma nova disciplina científica chamada de Teoria Geral dos Sistemas em Geral, qualquer que seja a natureza dos elementos que os compõem e as relações ou "forças" existentes entre eles. Assim a Teoria Geral dos Sistemas é uma ciência geral da "totalidade". Ainda mencionou que esta teoria pode ser um importante meio para se alcançar uma teoria exata nos campos não-físicos da Ciência, desenvolvendo princípios unificadores que atravessam "verticalmente" o universo das ciências individualizadas. Segundo o autor, esta teoria é capaz de aproximar as metas de unificação da Ciência, conduzir a integração muito necessária na educação científica dos indivíduos (Bertalanffy, 1973, p. 17-51).

Entrementes, uma "receita pronta" para ver o mundo como um todo não existe ainda. Por outro lado, como operar modificações no todo, sem considerar que todas as partes são tão importantes! Todavia, uma visão modificada do mundo precisa ir sendo desenvolvida. Como fazer para um simples aluno começar a perceber a necessidade desta mudança?

Uma oportunidade começa a surgir para que a aula como

ação forte venha a desmitificar certas percepções atuais errôneas, conscientizando dentro do possível, e dentro de suas possibilidades, a verdadeira relação e interligação dos fenômenos.

A partir desta postura, propicia-se a oportunidade de que novas noções integradoras sejam induzidas e deduzidas e, do êxito desta ação, surgirão resultados para que triunfe um novo pensar sobre as situações presentes, de tal modo que se possa enfrentar com mais ânimo colocações como as que se seguem:

"Não há algo de podre no reino dos homens?
Os desequilíbrios crescem, os erros tomam dimensões novas, os precipícios aumentam, a inquietude sobe e também a amargura. Não conseguirei escrever todos os males deste tempo, as imprudências ecológicas (...) as poluições, os egoísmos econômicos, a greve, o fanatismo do irracional, a escalada do furor e da intolância e muitas outras causas para a angústia presente." (Hamburger, 1981, p.159) 2

2.2 Fator Alimentação

Uma outra área vital para os seres humanos, a da sua própria alimentação, também passa por uma crise gerada pela visão fragmentada de uma cadeia de interrelações.

Os agrotóxicos invadiram as plantações, rompendo equilíbrios ambientais e prejudicando o organismo humano. Os pós químicos hoje são complementos alimentares, estão presentes nos pudins, sopas, cremes, pão, enlatados, temperos. Os corantes enfeitam esses produtos para chamar a atenção dos menos precavidos. Os supermercados ficam coloridos, repletos de

embalagens, agasalhando produtos não menos coloridos, produzindo a cor a serviço da ilusão.

Se a alimentação do dia-a-dia fosse preparada com cereais integrais, legumes e frutas isentos de agrotóxicos, e complementada por proteína animal (leite, ovo, queijo, carne), os padrões de saúde seriam bem melhorados, principalmente para nossos estudantes. Observe-se ainda que, uma dieta equilibrada poderia utilizar as propriedades terapêuticas já pesquisadas em vários alimentos.

Existe, portanto, a possibilidade de manter a saúde em níveis aceitáveis, com uma dieta preparada segundo conhecimentos já adquiridos e sem deixar de atender a preferências individuais. Entretanto, para que isto aconteça é preciso existir um estado de consciência das próprias necessidades quanto à quantidade e qualidade da própria alimentação, sem esquecer que isto só é possível com uma distribuição de renda mais justa.

2.3 Fator Econômico

Esta é uma força poderosa incidindo sobre tudo.

Neste complicado mundo, onde os interesses são múltiplos, camuflados, não claramente direcionados, os indivíduos são expostos à própria transformação que o fim do século produz, e os fatores econômicos começam a predominar, eliminando tendências naturais antes respeitadas.

A consciência coletiva vai assumindo transformações de valores que, muitas vezes, podem até ser decepcionantes (Feyerabend, 1977, p. 336).

Muitos procedimentos científicos ou admitidos pela ciências, não raro, são sacramentados por influências econômicas, causando, às vezes, algum espanto para os mais desavisados.

Influências econômicas tendenciosas seguem galopantemente na nossa política, na comercialização dos produtos, na fabricação de medicamentos, na utilização de defensivos agrícolas e mesmo na oferta de produtos alimentícios.

Pouco importa para uma economia voltada apenas para o lucro imediato, os desequilíbrios ecológicos, a desigualdade social, a mutilação da natureza e os descontentamentos impostos aos explorados.

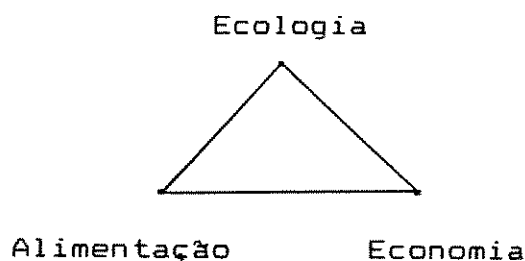
As intenções econômicas reinantes na sociedade ficam cada mais camufladas, pois não há interesse em tornar seus objetivos claros para muitos. Determinadas decisões econômicas governamentais, algumas vezes, podem até parecer humanitárias, mas não passam de manobras políticas. São estratégias ambíguas, exploratórias, cujo interesse no bem-estar social é apenas aparente, não valorizando realmente ninguém.

São estratégias até repetitivas na sua essência, pois buscam evitar convulsões sociais perigosas, atendem a uma elite e estão diretamente relacionadas com a acumulação do capital para poucos.

As influências do poder econômico mercenário, quer atuando sobre a natureza ou sobre as pessoas, geram injustiças e descontentamentos que incomodam as pessoas, e este incômodo provoca a crise e esta suscita mudanças.

Mas enquanto as mudanças não ocorrem, fica prevalecendo uma grande força, difícil de ser atenuada, configurada por um

triângulo de influências que altera bastante o mundo de hoje.



Essa grande força que está presente neste fim de século, segundo Souza et alli (1972, p.48), nada mais é que o discurso justificador da dominação decorrente da apropriação dos meios de produção, e que é incorporado pelo dominado e vítima da exploração do homem pelo homem.

Como tentar enfraquecer esta grande força?

Uma possível saída é valorizar o indivíduo em toda a sua potencialidade, conscientizando-o e esclarecendo os fatos, questionando bastante aquilo que for contraditório em sua essência porque diverge das razões que valorizam a pessoa como centro das ações humanas.

Faz-se necessário propor pela Educação, através de seu instrumento de maior alcance, a aula, estratégias para que haja alterações na situação vigente. Fortalecer a criatividade das pessoas, retirando-as do comodismo da alienação, de tal modo que a aula seja significativa para os participantes e forte em si mesma ao questionar, conscientizar, ensejar mudanças, fomentar novas idéias, derrubando assim os argumentos fracos e desumanizantes.

CAPITULO III

ECOLOGIA EM CONFLITO

CAPITULO III

ECOLOGIA EM CONFLITO

1. AULA: UMA OPORTUNIDADE PARA SE CONHECER A NATUREZA

A aula é uma estratégia para estimular inúmeras dúvidas sobre o meio ambiente. Devido as suas características, é um oportunidade triunfal.

Na natureza existe uma situação que caracteriza um desequilíbrio. Existem suspeitas de motivos, uns mais evidentes do que outros.

Não existem sintomas simplistas, tudo é um emaranhado de interferencias. As interferências geram dúvidas e as dúvidas estimulam as idéias e estas acabam originando novos procedimentos.

A interação das formas vivas gera os mais implicados conhecimentos.

Como tudo começa?

A vida vem da vida!

A Biologia do próprio ser vivo!

Então tudo é Biologia ou tudo está ligado com a Biologia?

As estruturas biológicas diferenciadas, os seres vivos em constantes mutações, heterogeneidades de atitudes, mil

UNICAMP

justificativas.

Uma estrutura anatômica de um mesmo corpo humano, começa a diferenciar-se ou a se evidenciar (todas são importantes). A estrutura cerebral se evidencia, surge o pensamento, a imaginação, as idéias, o conhecimento.

O pensamento gera o conhecimento!

O cérebro gera tudo!

E o que se sabe do Sistema Nervoso, da Neuroanatomia, da Neurofisiologia? Tão pouco!

E o que se sabe sobre o crescimento e o envelhecimento do ser humano? E as mudanças rítmicas? E os chamados ritmos biológicos? E os tais ritmos circadianos (ao redor do dia) ?

A temperatura corporal oscila durante um período de vinte e quatro horas, levando junto as concentrações hormonais. Muitos ritmos tem duração de mais de 24 horas.

Hoje também é sabido que a vida chamada de moderna contém um ritmo acelerado de vibrações, produzindo alterações rápidas, e a própria artificialidade dos ambientes consegue desarmonizá-la. E os resultados disso?

Ainda desconhecidos.

E quem estabelece tais ritmos?

"Relógios biológicos" - área crítica na Biologia.

E o que se conhece?

Um grande campo de pesquisa.

E sobre os mecanismos que constituem os princípios básicos da eletricidade aplicáveis a todos os problemas de potencial de membrana, gerando as atividades fisiológicas dos neurônios?

Do que se conhece existe tanta dúvida. Mas não só sobre os mecanismos referidos acima, existem também os mecanismos hormonais.

E quais são os fatores gerais que determinam as concentrações hormonais plasmáticas? (Vander et alli, 1981,p.166)

Ritmo de secreção.

Ritmo de inativação e excreção.

Transporte no sangue?

Ativação dos hormônios?

Qual é o mecanismo de ação dos hormônios? Como se dá o controle da secreção hormonal? E as sínteses de esteróides? E o controle local dos neurônios motores? E a manutenção da posição ereta e o equilíbrio na locomoção?

Face a esta amplitude de colocações, é fácil perceber que tudo é muito complexo nos estudos da vida, e em relação a comportamentos humanos complexos Vander (et alli, 1981), assim se expressam:

Até recentemente, pensava-se que o controle do comportamento mais complexo tal como pensamento, lembrança, aprendizado, era manipulado quase que exclusivamente pelo córtex cerebral. De fato, a lesão de áreas corticais fora das regiões motora e sensorial produz resultados comportamentais que são sutis em vez de óbvios (a única exceção, a linguagem, é altamente sensível à lesão cortical) e a estimulação do córtex ocasiona pouca alteração na orientação ou nível de excitação animal. (p. 737)

E viável considerar que as funções comportamentais particulares não são exclusivamente controladas por qualquer área individualizada do sistema nervoso, e sim que o controle é

compartilhado ou influenciado por estruturas em outras áreas.

O sistema nervoso é tão abundantemente entremeado que é difícil saber onde qualquer subsistema inicia ou termina.

Quando os computadores se tornaram amplamente utilizados, o encéfalo foi comparado a eles. A analogia mais recente compara-o a um holograma, um processo fotográfico que registra as próprias ondas luminosas, em vez da imagem de um objeto.

Estas analogias são amplamente divergentes e apenas enfatizam o pouco que se sabe sobre o encéfalo.

Essas informações não têm a intenção de aprofundar o assunto fisiológico, mas apenas justificar a complexidade de um ambiente biológico.

Assim a Biologia é uma ciência vasta, complexa, até multidisciplinar, assumindo aspectos abrangentes e diversificados.

A Biologia estuda a constituição e o funcionamento de formas vivas.

A Biologia estuda as novas influências emergentes do meio ambiente.

A Biologia estabeleceu uma relação dialética instaurada no seu discurso e na sua prática, ao mesmo tempo, sendo a ciência da vida e a ciências dos homens. Desta forma, a Biologia pretende responder a muitas das questões que se passam com os seres humanos e assim entra também na área política. É uma Biologia que proporciona estratégias de questionar, que não só questiona, mas faz questionar. Fornece mecanismos, executa mecanismos, e faz com que o pensamento gere conhecimento.

Esta "Biologia do Conhecimento", amparada na Biologia Geral, não deixa também de ser uma opção, uma alternativa para se conhecer melhor os inúmeros fatores que incidem nos diferentes ecossistemas habitados pelos seres humanos.

A Biologia que questiona é uma opção de mudança, de decisão, que gera conhecimentos que poderão ser considerados argumentos fortes contras os argumentos fracos já existentes.

A aula é o primeiro lugar onde tudo isto poderá surgir, é o contato com quem está interessado, é o momento do despertar e do passar para níveis mais altos de consciência da realidade que nos envolve.

Aqui apresento apenas as oportunidades, sem deter-me em nenhuma delas. Pretendo apenas sugerir possíveis saídas para uma complexidade tão ampla.

A aula não deixa de ser uma alternativa, ou a possibilidade de vislumbrar saídas que partam da sua esfera de ação, da sua realidade e das potencialidades que enseja ao ato de educar.

Não deixa de ser uma estratégia, uma ação ou uma prática para a exploração de viabilidades relativas ao momento que caracteriza o final desta década de 80.

A partir desta aula que tenha o ser humano como centro de suas ações, uma "nova biologia" poderá surgir, mesmo no nível mais elementar, para ajudar a questionar e levantar dúvidas sobre a complexidade da natureza e, com isto, colaborar para que se estimule o pensamento dos alunos na busca de soluções mais criativas, de tal modo que o novo século possa surgir com mais harmonia entre o homem e seu habitat. Desta forma, a aula, além

de ser uma opção de saída, é também uma ação estimuladora de mudanças, um verdadeiro passo forte dirigido para um novo patamar de atuação.

2. A ECOLOGIA SOB DIFERENTES ÓTICAS

Este mesmo ser humano que está mergulhado na natureza, no espaço limitado para as interações das formas vivas, tem o direito de conviver com a natureza tanto quanto acaba modificando o próprio equilíbrio dos ecossistemas. Este mesmo ser humano, no exercício do seu período de vida aqui na face do planeta, também dá-se ao direito de pensar de diferentes formas sobre a complexidade dos fatores ecológicos atuantes no meio ambiente.

A Ecologia é uma ciência emergente da própria Biologia, que vem desde o século passado se desprendendo desta última e tomando corpo com características predominantemente interdisciplinares, apresentando múltiplos aspectos a ser abordados.

A Ecologia começou a se desenvolver como Ecologia Natural, estudando intensamente as relações e interrelações do homem com os demais seres vivos e vice-versa.

Este estudo reveste-se de um caráter acadêmico, científico, com a preocupação de melhor entender o funcionamento da natureza e a melhor forma de seu equilíbrio (Odum, 1959, p.3).

Como os próprios seres humanos começaram a perceber os desequilíbrios nos ecossistemas, veio a surgir o interesse pela Ecologia Social.

Num sentido mais amplo, envolvendo a interação dos

homens com o homens nos próprios ecossistemas, tais interações, não raras vezes, tornam-se desequilibradas. Começa, então, a surgir os efeitos de mutilação da natureza, atingida por múltiplos fatores, entre os quais poderiam ser destacados: excesso populacional em determinadas áreas, poluição crescente, degradação ecológica, crescimentos das desigualdades sociais, e, ultimamente, os riscos dos desastres nucleares (Morin, 1980, p. 23-76).

A própria humanidade, sem levar em conta classes sociais, começou a perceber estas influências, e do seio das sociedades começaram as preocupações a respeito dos efeitos nefastos desta influências. Surgem, então, grupos que querem conservar a natureza, meramente por conservá-la, sem saber mesmo o verdadeiro sentido desta conservação. Começam a aparecer os movimentos ecológicos pedindo a conservação de tudo.

Nas preocupações com preservação de habitat humano e face às conseqüências já evidenciadas por alguns desequilíbrios ambientais, aparecem os grupos ecológico que propugnam por um pensamento mais amplo, por uma mudança de hábitos visando a uma nova concepção de vida.

Todos os procedimentos sugeridos por estas duas correntes, e que visam à melhoria dos ecossistemas não deixam de ter o seu mérito, pois são atitudes que pretendem promover mudanças na visão de mundo do homem atual.

A Ecologia Natural colabora, proporcionando informações, leis, conhecimentos especializados sobre complicadas interações das formas vivas. São informações importantes, pois estimulam novas pesquisas, gerando novos conhecimentos sobre

implicações ecológicas inerentes ao próprio ecossistema em questão (Odum, 1959, p. 291).

Essas informações, se devidamente aplicadas, podem proporcionar mudanças de procedimentos humanos nas suas relações com a natureza.

A Ecologia Social estuda, entre outras coisas, as sucessivas influências dos ecossistemas incidentes na biosfera, fomentando estímulos para aguçar os interesses humanos no sentido de não degradar ainda mais a qualidade de vida. Apesar da complexidade da questão, procura evidenciar as situações de desequilíbrios que estão ocorrendo, de tal forma que se esteja alerta para os riscos da situação atual.

Trabalha, ainda, no sentido de ajudar a caracterizar o quadro em que se encontra a natureza com seus múltiplos ecossistemas interatuantes.

As informações obtidas são muito importantes, pois suscitam alternativas de mudança que, de certa forma, podem gerar situações diferentes das reinantes hoje.

Os movimentos ambientalistas começaram a surgir no Brasil na década de 30. (Em 1934, foi realizada a 1a. Conferência Brasileira de Preservação da Natureza, com a participação efetiva da Sociedade de Amigos da Árvores. É possível que este tenha sido um dos primeiros grupos ambientalistas brasileiros.)

O conservar por conservar, sem ter uma verdadeira conscientização desta atitude, numa primeira análise, parece de pouca importância, mas numa análise mais aprofundada, pode ser condiderada como uma participação também efetiva, pois na situação em que a natureza se encontra, o princípio do "tudo

vale", é perfeitamente compatível (Feyerabend, 1977, p. 27-35).

As lutas, as mudanças por um espaço melhor, por uma universalização do "pensamento ecológico" é uma praxis abrangente e teoricamente benéfica, mas sujeita também, como tantos outros procedimentos, a comprometimentos com interesses não declarados objetivamente.

As teorias e os procedimentos transmitidos pelas duas correntes citadas anteriormente geram um certo conflito, mas não deixam de ter, cada uma, sua importância intrínseca. Entretanto, todos os diferentes procedimentos correm o risco de não garantir os verdadeiros interesses que valorizam o ser humano.

Esses procedimentos podem ser atraídos por marcos ou por dólares que, às vezes, mudam "a cabeça dos cientistas" (Feyerabend, 1977, p. 69-70)

Tanto quanto, tais procedimentos podem contribuir para medidas amparada por leis que, na realidade, beneficiam alguns em detrimento da maioria.

Esses procedimentos podem também não valorizar a livre iniciativa, apoiar o determinismo, a detenção do poder, os falsos valores e fomentar a ganância humana.

Esta possibilidade é comum para os procedimentos preconizados. Nenhum por si só está livre desta influência. Assim como nenhum deles, teoricamente, tem mais mérito que o outro.

Todos os procedimentos podem possuir tendências para favorecer o excesso populacional, a poluição crescente, a degradação ecológica e, ainda mais, manter a desigualdade no mundo e colaborar com as aplicações ligadas aos estudos termonucleares.

Qual o procedimento que valoriza o ser humano, a liberdade, a vontade, o conhecimento, a cultura? O homem enquanto homem?

Isto não é fácil de ser percebido, é mais uma tarefa complexa dentro dessa multicomplexidade que envolve a espécie humana. Todos os procedimentos, portanto, podem valorizar o homem tanto quanto usá-lo, manipulá-lo em função de seus interesses.

Todos podem ser ser ótimos pontos de partida para uma mudança de hábitos, de valores. Cada um deles isoladamente, como todos juntos, pode interagir e formar uma força, uma verdadeira potência para garantir a preservação da natureza, de uma natureza mais íntegra no novo século que se aproxima.

3. CONFLITO: ESTÍMULO PARA UMA SAÍDA ALTERNATIVA

Um grande conflito está caracterizado.

Quem tem uma influência enorme?

A ação efetiva do homem.

E como começar esta ação?

Questionar a natureza, a relação múltipla entre os ecossistemas, suas interações, a teia da vida, os equilíbrios e desequilíbrios, os ecossistemas completamente destruídos pelos agrotóxicos e as imprudências ambientais cometidas pelos homens.

Questionar os sistemas sociais, questionar a política dominante, os valores antes respeitados, questionar os poderes executivos, as ordens, a falta de conscientização.

Questionar o problema da fome, o cultivo dos vegetais e frutas com a utilização de adubação química.

Discutir a economia, a abundância e ao mesmo tempo a escassez dos alimentos, resultantes das chamadas tecnologias modernas.

Discutir a acumulação de capitais e a crise num sentido bem amplo, os interesses das empresas, o melhor tratamento para o seus servidores.

Pesquisar a sociedade, o espaço social a ser utilizado, analisar os conflitos e estabelecer uma relação entre autonomia e heteronomia, autoridade e poder, ordem e desordem.

Investigar procurando saídas, estimulando procedimentos como quem deseja realmente transformações da realidade.

Analisar e discutir, abertamente, sem objetivos camuflados, o conteúdo das disciplinas componentes dos currículos.

Analisar, buscando, lendo, comentando procedimentos, estabelecendo planos exploratórios, planos de pesquisa de opinião pública, montando experiências.

Discutir aproveitando o interesse dos alunos, os anseios apresentados, explorando convenientemente os assuntos no momento certo.

Assim, vejo a aula como um procedimento estratégico, como ação forte, como saída alternativa que estaria desejando gerar novos caminhos, surgindo do seio da sociedade para sua própria melhoria.

Assim, vejo os conflitos atuais como necessários desde que suas resoluções demostrem as possibilidades de mudanças, de oportunidade de vivenciar um novo momento.

Um novo momento da melhor aula. Da aula mais atualizada

e significativa, mais adequada aos alunos, ao momento vivido.

Aula equipada ou não , mas aula especialmente dirigida ao aluno e não como meio de sobrevivência, cumprimento de mera obrigação.

Aula que destrói subterfúgios, e desaloja ideologias que desumanizam.

Aula que faça nascer novos valores, "novas cabeças", que fortaleçam e estimulem os estudantes por uma formação autêntica e não a simples busca de um diploma.

Aula que valorize a velhice, seus valores e experiências capazes de promover o ser humano.

Aula razão da manutenção da vida, que informa, esclarece, que anima e satisfaz o participante. Aula que entusiasma, que estimula e dá sentido ao trabalho do ministrante.

Em meio aos conflitos e diante de tantas sugestões, há a necessidade de críticas e revisões, devido a complexidade do momento atual. Apesar de tudo, esta mesma situação conflitante é o estímulo incitando possibilidades de saídas, de mudanças, de alternativas referendadas por valores humanistas.

CAPITULO IV

E NAS ESCOLAS: MUDANÇAS E MAIS MUDANÇAS

CAPITULO IV

E NAS ESCOLAS: MUDANÇAS E MAIS MUDANÇAS

Considerando:

A crise uma realidade.

As forças incidentes representando a ideologia dos dominantes um fato.

A escola continuando "assim"...

O aluno cada vez mais distante.

As pessoas como centro, uma esperança para que um novo passo seja dado.

A aula como uma ação forte, uma proposta.

Apresento uma caminhada crítica pela escola, mostrando como ela se encontra e propondo que mude, através da própria aula enquanto ação forte.

1. E A ESCOLA CONTINUA ASSIM...

A escola nada mais é que a praxis de todos que nela habitam, e não se podendo esquecer que ela faz parte de um todo, que ela está em constante interação com contextos mais amplos, recebendo influências e dando contribuições.

Assim, a escola consegue reproduzir os procedimentos

que foram determinados, ela segue, obedece, aceita como verdade e os transmite como mensagem a todos os seus participantes.

Ela é apenas um veículo que transporta um objetivo e conteúdo. Ela não é em nenhum momento neutra, pois está a serviço de interesses da sociedade. Entra, evidentemente, na prática social, serve-se de uma pedagogia e se dirige a muitas pessoas, seus alunos, principalmente (Lefevbre, 1977, p. 30).

E o tão conhecido saber que a escola prega e passa está tão longe dos interesses dos seus frequentadores, tão distante dos verdadeiros fins da própria escola e, sutilmente, revestido com uma máscara, em nome da ciência oficial, para acobertar os interesses dos dominantes.

As leis... sempre!

Assim, vai a escola passando uma mensagem para quem a procura, geração após geração.

A mensagem é prática e dominante e que, de certa forma, caracteriza e ordena a sociedade como um todo.

Todavia, existe uma contraposição.

As coisas não são tão mecânicas e simples assim, pois a escola também acolhe as contradições da sociedade e, desta forma, um dia o "status quo" poderá ser mudado, porque as contradições, quando levadas aos pontos extremos de tensão, ensejam as necessárias transformações.

E se o aluno for considerado o centro de tudo, todas as práticas e atenções se voltarão para ele, por intermédio da aula como ação forte.

As situações mudaram, e mudaram muito.

E essas mudanças e mais mudanças o que fizeram?

E a experiência vivenciada pelo aluno no dia-a-dia onde fica? Ignorada, abafada, desprezada, longe da escola.

Está mais do que na hora da aula mostrar que o saber, a vida e o trabalho devem continuar presentes em cada um de seus participantes, devendo a escola considerar esta questão como o ponto de partida para iniciar uma ação forte.

Da maneira como está, fica difícil saber exatamente quem tem razão. Contudo, ficará mais fácil perceber o que está errado quando o aluno for considerado o alvo da questão, a razão de tudo.

ENSINAR, ONDE

Não existe um lugar certo e nem um melhor lugar para que alguém possa tirar proveito de uma experiência discente realmente vivenciada. Isto poderá acontecer em todos ecossistemas que formam o complicado planeta em que vivemos. Consequentemente, e com muito mais propriedade, nas escolas também.

E QUANTO AS ESCOLAS

Em grande parte, elas nada mais são que casas mal adaptadas, prédios adaptados ou construídos para essa finalidade, porém muitas vezes mal posicionados no espaço físico existente, sem equipamentos contra incêndios, sem rampas e passagens amplas para facilitar o fluxo dos alunos que ali circulam. Seu interior muitas vezes é pintado com tons que não favorecem o aprendizado e próximo de ruas onde o barulho se faz muito presente.

Onde estão os laboratórios especializados com equipamentos, simples ou não, mas adequados ao que precisa ser

feito? Apenas em alguns colégios ou faculdades!

Isto sem falar da decoração interna, carteira após carteira, por que não são salas ambientes, com ou sem carteiras?

Por que não decorar com a participação dos alunos?

Por que não adequar essa decoração consultando os alunos, sem marginalizar ninguém, muito menos os portadores de defeitos físicos?

A aula como ação forte pode e deve estar presente em toda parte, para combater sempre os obstáculos que aparecem a qualquer momento, para fazer com que surjam idéias capazes de dar condições e resolver os problemas com a mesma intensidade com que eles aparecem.

A aula como ação forte é uma proposta que aumenta o grau de consciência dos envolvidos para que eles possam se auto-ajudar, como também se inter-ajudarem por intermédio de ações próprias, surgidas de suas próprias idéias, face ao aumento do nível de conscientização.

A aula como ação forte é dirigida a todos, mas respeita a individualidade de cada um, é uma tentativa de atingir horizontes bem maiores que os atuais.

E OS PROFESSORES

Os professores colaboram efetivamente para que a escola passe sua mensagem aos alunos, através das aulas. A aula fica sendo a oportunidade que o professor tem para comunicar-se com os alunos.

Dependendo da forma dessa comunicação, o aluno vai sentir-se satisfeito ou insatisfeito. Dependendo dessa

comunicação a aula será uma ação forte. Tudo depende da conduta que o professor passar a exercer. Tudo também depende da reação dos alunos. Conhecimentos, técnicas e estratégias exercem um papel preponderante.

O aluno reclama das aulas teóricas, provas, da quantidade de matérias, da decoração da sala de aula, mas estranha bastante quando o professor modifica esses procedimentos em sua sala.

E o professor também reclama do seu salário que não acompanha a inflação, da sua instabilidade, mais agravada na escola privada, pois fica a mercê da opinião do diretor em relação ao desempenho de suas atividades.

A aula como ação forte não é privilégio de nenhum professor, respeitando individualidades, todos os docentes poderão começar a ministrar aulas fortes.

Para que uma aula seja uma ação forte, ela não deverá se preocupar excessivamente em avaliar os conhecimentos adquiridos, mas, sim, conscientizar os alunos para os fatos que estão ocorrendo, sem fugir da natureza da própria matéria.

A participação do aluno na preparação do currículo escolar, da grade curricular, dos objetivos, como também da programação das disciplinas, é necessária, pois ajuda bastante o estabelecimento da aula como ação forte.

Todos participando com suas experiências diversas, a aula ficará mais significativa e, portanto, uma ação forte para combater melhor a escola que é comprometida, reprodutora do sistema, castradora da livre iniciativa, burocrática, autoritária e que não está dando a devida atenção ao aluno.

2. AS LEIS... SEMPRE!

As leis nas escolas.

A escola caminha com todos os seus objetivos, suas características, seus procedimentos, suas finalidades, ao longo do tempo. Ela interage com todos os fatores incidentes no meio ambiente, sendo as leis um deles.

As leis regem as escolas, norteiam a vida dos professores e alunos e formam um mundo à parte, o "mundo das leis".

Todos os procedimentos da escola são argumentados em nome da lei, a lei é o ponto de partida.

Gimeno (1954), ao se referir à argumentação em nome da lei, se expressa assim: "O texto nasce do texto, remete ao texto, refaz o texto, constitui uma rede enredada e emaranhada na qual só se movem os iniciados." (p. 51)

Seus artigos e decretos se sucedem, de repente um decreto é substituído por outro e a escola, a despeito disto, continua sendo amparada pelas leis que não facilitam o entendimento para muitos, mas apenas para alguns poucos iniciados que vão ajudando a reproduzir o sistema.

Quem é que produz as leis?

Comissões, grupos de trabalho, a serviço de outros, mas todos socialmente ligados pela mesma ideologia dominante, armando assim um grande jogo de forças e influências.

Assim, todas as medidas que pretendem alterar o ensino são propostas em nome da democratização.

Assim, também, as escolas estão subordinadas às leis e

as leis, por sua vez, estão compromissadas com outros interesses ligados ao poder

O ensino fica todo baseado em leis que são, constantemente, transformadas em outras leis, exigindo habilidade por parte de quem as manuseia.

Tudo está pronto, promulgado, existem leis, leis complementamente distante das pessoas e, por isso, nem sempre são seguidas.

Surge o caminho preconizado pela lei e o caminho real seguido.

Qual é o correto?

Os dois existem!

Surgem os estatutos do magistério, surgem as regimentos das escolas, surgem as leis trabalhistas, os regulamentos das escolas para os grêmios, para a associação de pais e mestres, para o alunos. Todavia, os interessados foram consultados? Ajudaram na sua elaboração? Eles ficaram contentes? Tiveram seus anseios atendidos?

Tudo acontece e as leis ficam distante dos envolvidos, realmente um mundo a parte.

E A LEGITIMIDADE

A escola busca uma justificativa para tornar legítimos os seus atos. Para tanto usa inúmeros argumentos para justificar sua força, seu poder. Tudo acontece em nome da lei e da democracia.

Werneck (1987), ao falar sobre legitimidade, faz a seguinte observação:

"A incoerência é clara: uma escola pública numa república democrática desenvolve e passa valores áρχicos para alunos que estão vivendo uma estrutura com predominância de telicidade, e ainda espera estar colaborando com redemocratização." (p. 101)

A escola passa valores áρχicos, quando a autoridade, representada pela figura do diretor, é exercida em nome da lei e está preocupada em legitimar seus argumentos na tentativa de explicar o exercício do poder, e quando os conselhos existentes passam a ser todos consultivos.

Se a estrutura fosse realmente téllica, as escolas deveriam organizar seus regimentos e sua programação com a participação efetiva dos envolvidos (família e alunos inclusive). O que realmente não acontece, não é claro e nem demonstrado, pois as ideologias tudo disfarçam.

Os tipos de legitimidade utilizados pela escola já não são adequados a um mundo em constante mudança, onde a pluralidade de informações se faz necessária, indicando a influência múltipla de todos os fatores incidentes neste fim de século (Feyerabend, 1977, p. 71).

Qual seria o caminho para ajudar a resgatar a dignidade do ser humano, e não a desvalorizá-lo?

E se fossem cultivados os princípios de autonomia, como ficariam as coisas?

E se fosse dada a oportunidade para o aluno "correr solto" nas suas realizações como ser humano?

A aula como ação forte, além de ser um dos caminhos para que a autonomia seja conhecida e talvez exercida realmente, é um meio para que a legitimidade fique mais a serviço da

valorização do ato de ensinar, de tal modo que todos possam se beneficiar desta nova situação.

Será isso possível?

O importante é começar, é fazer a aula como uma ação forte, é buscar uma nova idéia, uma nova razão de vida escolar, um mundo mais humano.

3. O ALUNO CADA VEZ MAIS DISTANTE

Por que distante?

Porque a escola não considera o aluno como o centro de todos os seus interesses.

Porque a escola não visa a motivar plenamente, satisfazer suas necessidades de praticar esporte, de interagir com seus colegas, de desenvolver ao máximo as suas possibilidades discentes.

QUAL A SUA PRAXIS

Isto é muito importante saber, pois a sua praxis deve ser o ponto de partida para a nova caminhada. Que a praxis do aluno está bastante influenciada pela crise pela qual passa a sociedade, é um fato bastante notado.

O aluno, no mais das vezes, precisa trabalhar, vai para a escola com fome, cansado, sem energia, pois foi massacrado o dia todo. Quando isto não acontece, vai da sua casa para a escola, muitas vezes, triste, carente, pois foi maltratado num lar que passa por sérias dificuldades, faltou-lhe amor, compreensão, sentir que alguém se importa realmente com ele, que não está sozinho no ato de viver.

Esta condição de tantos alunos pode parecer piegas quando apenas relatada assim, mas é o cotidiano de milhares de alunos com os quais nos defrontamos diariamente nas salas de aula das escolas públicas.

E O LAZER

Já foi quase totalmente anulado pela crise político-econômica que afeta a grande maioria da sociedade brasileira. Por outro lado, também pela falta de recursos das escolas para promoverem entretenimentos coletivos a seus alunos.

E A SAÚDE

Os exames médicos já foram aplicados?

As dietas alimentares foram avaliadas?

O atendimento à saúde vai ficando para um plano bem distante. Alguma providência é tomada de fato só em caso de muita emergência.

Os exames médicos periódicos controlam suas práticas em Educação Física. Eles apenas fornecem alguns indicadores que são meras formalidades, para que as escolas possam dizer: os alunos têm atendimento médico que dá para acompanhar seu desenvolvimento físico e mental; ou para argumentar que determinado garoto não pratica educação física porque seu exame médico revelou problemas.

OS ALUNOS VIVEM...

E assim vivem os alunos num mundo em que a escola enfatiza como sendo agressivo, autoritário, burocrático. Até mesmo anti-natural, pois a escola incentiva os hábitos onívoros

para alimentação (pós químicos com tonalidades brilhantes em profusão, juntamente com alimentos de origem animal e vegetal).

O aluno é quase sempre conservador, estranha as mudanças, está acostumado, até inconscientemente, a ajudar a reproduzir o sistema. Quer entender as coisas, mas é também procedente da família patriarcal que está em processo de desagregação. Não conhece claramente o objetivo do curso que faz, nem mesmo o plano de ensino do ano em curso, e muito menos a programação de cada disciplina.

E com relação ao processo de avaliação?

Quais são os seus fundamentos? E os objetivos a serem alcançados? São puramente uma tradição, sucedendo-se de geração em geração?

O processo de avaliação só poderá ser eficiente se for preparado com a colaboração efetiva dos alunos. Não só parece, como é uma prática muito simples, então, por que não começar?

A aula como ação forte poderá também ajudar no processo avaliativo.

Nem sempre os alunos conhecem seus direitos, mas são cobrados em relação a seus deveres, quase sempre passando despercebidas as regras do jogo.

Porque a experiência vivida do aluno é tão pouco considerada, sendo que estas também deveriam fazer parte do processo educacional?

As experiências anteriores vivenciadas pelo aluno poderiam ser despertadas por uma boa motivação. E o que pode proporcionar o aproveitamento dessas experiências de vida é a aula como ação forte, que destrói eficientemente todos os

argumentos fracos que impedem o melhor desenvolvimento do aluno.

Uma aula adequada e conscientizadora, independente do nome da matéria, utilizando-se dos argumentos próprios de cada disciplina (Biologia, Nutrição, Metodologia do Ensino, Química etc), esclarecendo os argumentos fracos nelas incidentes, poderá ser uma solução, de vez que, na situação em que se encontra, o ensino está fora do contexto da vida cotidiana.

ALUNOS, COMO LIDAR

Uma tendência muito comum, atuante nos diferentes ambientes, é identificar as pessoas pelo que produzem antes do que pelo que elas são.

Existe muita necessidade de ser revigorada a pluralidade e as diferenciações que ocorrem entre os seres humanos, favorecendo a individualidade das pessoas. A pessoa plena é a que consegue dirigir-se ao "ser que realmente é", e representa para cada um de nós a possibilidade de ser (Rogers, et alli, 1977, p. 128-134).

Ao se referir ao poder da pessoa Rogers et alli (1977) assim se expressam:

"Essas são algumas facetas de uma modalidade pouco usual de entender e distribuir o poder da pessoa, quando o centro não é o poder, mas sim a própria pessoa dotada de poder sobre o que faz de si mesma." (p. 127)

Estou convencido de que este é um bom caminho, um caminho que é fácil de ser percorrido quando for usada a aula como ação forte. A grande vantagem desse caminho é que não existem regras e nem receitas prontas, nem cansativos conselhos,

basta estar junto dos alunos e transmitir mensagens significativas que, por si só, irão orientar os melhores procedimentos possíveis.

Contudo, como poderá existir o tipo de aluno condizente com esta nova realidade, se não houver a valorização do ser humano? E como deverá ser esta valorização humana no âmbito escolar.

Esta tão esperada valorização poderá surgir por intermédio de aulas que tomarão dimensões imprevisíveis, pois serão aulas centradas no interessado, voltadas para seus legítimos interesses.

Serão aulas que significam a manifestação da livre iniciativa, que podem ter a função de despertar a capacidade criativa, que não estão preocupadas com a mera repetição de experiências praticadas no laboratório e muito menos com a reprodutividade dos conteúdos programáticos já desatualizados, mas essas aulas estarão investindo, fundamentalmente, na capacidade criativa do cérebro humano.

Claro que muitos materiais poderão ser utilizados, que os livros serão indicados, que professor não precisa ser o cate-drático distanciado do aluno pelo saber, e sim o ser humano que divide um espaço vital comum, e que está efetivamente envolvido nesta ação. Um ponto-chave está em fazer com que os cérebros pensem, ao invés de apenas repetirem conhecimentos memorizados. Cérebros que pensem, produzam e desenvolvam propostas para a constante conscientização dos fatos, resultando em realização e crescimento para todos os envolvidos.

Uma garantia para que aula se torne cada vez mais uma

ação forte é, além de considerar o aluno como centro de todos os interesses, promover o princípio da autonomia.

A aula como ação forte é incentivadora da autonomia, que, genericamente, poderia ser considerada como sendo a capacidade de cada ser humano para agir independente dos bloqueios, das influências deste final do século, de todos os valores que minimizam ou manipulam o ser humano em função de interesses pouco explícitos.

Isto parece difícil, mas não será impossível, desde que a aula como proponho seja uma alternativa realmente buscada por quem tenha interesse na melhoria do ensino. Para que seja uma boa razão para ser professor atuante neste espaço de tempo, nesta fase de transição em que se pode começar um novo tempo de coerência e autenticidade em relação ao ser humano.

E os resultados quando virão?

Não importa, o importante é começar agora!

CAPITULO V

AULA COMO PRÁTICA DE VANGUARDA

CAPITULO V

AULA COMO PRÁTICA DE VANGUARDA

1. ORDEM E DESORDEM

A "dissecação" de uma aula permitiu uma visão real de como percebo a aula atualmente. Baseado nas interações prevalecentes na vida social, principalmente agora no fim da década de 80 e, praticamente, no fim do Século XX, fica evidente um estágio de crise econômica e social com uma conotação implícita de ordem e ao mesmo tempo de desordem, de instabilidade, de desequilíbrio, gerando ou representando sucessivos conflitos.

Estes conflitos incidem em todos os campos do conhecimento humano, chegando ao ponto de colocar em dúvida a própria veracidade do conhecimento. O cérebro humano é questionado, é posto em teste sempre, pois ao mesmo tempo em que reconhece erros, também reconhece que pode errar.

Este procedimento estimula novos saberes, novas investigações científicas ligadas intimamente às ciências biológicas, no sentido de salvaguardar a integridade do ser humano, a fim de que ele seja capaz de explorar um universo de conhecimentos que, em grande parte, ainda permanece incógnito, apesar dos inúmeros avanços científicos, comprometidos ou não com razões escusas, ou seja, que não visam à valorização humana.

Neste clima de conflitos, de ordem e ao mesmo tempo de desordem, vem à tona, com bastante ênfase, propostas ecológicas como soluções para melhorar os ambientes como também equilibrar a vida em sociedade.

Tais propostas geram outros conflitos sobre a natureza e seus mecanismos de auto-regulação. Porém, da mesma maneira que geram conflitos, pedem atenção maior, solicitam estudos mais profundos, pesquisas comprometidas com o bem-estar dos seres humanos e exigem multidisciplinariedade, exigem uma visão mais ampla para se entender ou começar a entender os intrincados fatores que se emaranham e dificultam o entendimento.

Natureza desequilibrada, natureza morrendo ou natureza em equilíbrio.

Dúvidas e mais dúvidas, tudo é tão ambíguo, tudo parece estar gritando por novos saberes, novos procedimentos, novas interpretações.

Desta forma, vejo conflito como busca, como saída, como emergência, como sensibilidade, como ruído, como uma grande possibilidade de mudança, de alteração dos acontecimentos.

E as escolas não ficaram imunes, foram atingidas, contaminadas por toda essa situação vigente, permitindo que os alunos ficassem cada vez mais distantes, alienados, discriminados, longe, bem longe dos fatos geradores das decisões que culminaram nos atuais acontecimentos sociais, econômicos, políticos etc.

E as aulas continuam, continuam como?

Apáticas, reprodutoras do sistema, demagógicas, teóricas, poéticas, retóricas, marginalizadas, autoritárias.

Nas sucessivas argumentações, profundamente integrativas, venho procurando uma saída para que o simples ato de dar aula possa ser uma contribuição efetiva, significativa e adequada para um novo momento.

2..AULA EM AÇÃO

Todos os meus argumentos estão centrados no indivíduo, na real valorização do indivíduo, mas este fato pede, ou melhor, quase exige que a aula crie situações de vanguarda, que ao mesmo tempo em que sejam desarticuladoras, sejam propulsoras de um novo patamar, sejam portadoras de condições para um mundo mais humano, surgido do próprio desequilíbrio reinante na atualidade.

A aula de vanguarda gera sua própria trajetória, mas isto não é tão simples assim, pois nos defrontamos com limites.

Autonomia ampla ou restrita é algo muito relativo. O que é amplo e o que é restrito, neste caso específico?

Um mundo de forças incidentes que nem sempre valorizam o potencial humano, ao contrário, conduzem o ser humano ao âmbito de realizações limitadas.

Um ambiente cheio de regras, de programações, de passos determinados para uma tarefa, origina uma movimentação restrita para o exercício da autonomia.

E como aumentar este campo de atuação, e como alargar, provocar manifestações mais autênticas, mais livres, autônomas?

Tudo parece ser limitado e ao mesmo tempo sem limites. O poder criativo do cérebro humano é ilimitado, o gerador de todas as ações, das mais simples as mais complexas, capazes de

ultrapassar os limites impostos pelos bloqueios reinantes no meio ambiente.

O próprio ambiente alterado, explorado, desequilibrado, gera imposições que limitam as realizações do próprio homem, por força da desarmonia entre habitante e habitat.

Outros limites se estabelecem inerentes ao próprio indivíduos, quer pelas suas deficiências físicas, pela influência genética do seu código hereditário, quer pelas leis a que ele é submetido ou pelas relações de desigualdade mantidas pela sociedade.

A capacidade para cultivar a autonomia é uma possibilidade inerente a todo indivíduo, porém esta capacidade tem uma amplitude relativa, pois guarda uma certa dependência entre a individualidade e a existência e o "ser" do próprio indivíduo (Morin, 1980, p.99).

A autonomia de um indivíduo está na dependência dos fatores ecológicos presentes no ambiente, como também dos fenômenos bioquímicos que ocorrem a nível molecular, tanto quanto guarda uma grande relação com os mecanismos genéticos responsáveis pelas características fundamentais de cada indivíduo.

Morin (1980) é muito significativo ao afirmar:

"Nada parece mais livre do que o pássaro no céu. Nada é mais autônomo do que o seu voo. E, no entanto, esta liberdade, esta autonomia, evidente ao primeiro olhar, decompõe-se ao segundo olhar, de um conhecimento que descobre os determinismos exteriores (ecológicos), inferiores (moleculares), superiores (genéticos), aos quais, finalmente, obedece o voo triunfante do pássaro." (p. 97) 3

Todavia, apesar das limitações impostas à capacidade de autonomia, o homem é capaz de transcender muitos limites e ir conquistando importantes espaços vitais para exercê-la. E uma das saídas para esta superação de limites pode estar na Educação, exercida através de aulas de vanguarda que, em grande parte, auxiliarão no exercício de uma autonomia mais ampla, menos restrita.

Na verdade, a idéia de aula de vanguarda não deixa de ser uma criação da mente, mas também não deixa de ser a captação de uma necessidade de mudança "sentida no ar", face ao desconforto psicológico ocasionado pelo estado atual em que se encontra grande parte do ensino. É o desejo de "sintonizar-se" com alguma solução viável. Este desejo de mudar o padrão atual de aula, sentido por aqueles que sofrem as consequências desta situação e com a qual não se conformam, gera uma energia para a mudança.

As mudanças irão acontecendo na medida que essa energia se expandir e, então, a cada instante padrões novos poderão ser criados e captados para o aprimoramento contínuo do ato de dar aulas.

Assim sendo, existe a necessidade de haver uma tal condição de autenticidade no ensino para que seja possível ir gerando, concretamente, novas propostas de conduta.

A aula como prática de vanguarda, enquanto ação forte, é libertadora, criativa e a todo tempo fornece elementos para romper limites, anteriormente julgados intransponíveis.

A aula de vanguarda não é só privilégio do professor, mas poderá ser de todos aqueles que quiserem transmitir mensagens

que despertem novas outras idéias, novas outras ações, que propiciem a vontade de questionar, de alterar o que possa estar sendo reconduzido à alienação, ao autoritarismo ou à burocracia inoperante.

Sendo o exercício da autonomia uma das principais propostas da aula de vanguarda, ao nível de quem aprende, como é esta autonomia:

- É deixar de ser dominado ou manipulado pelos outros;
- É ser livre, respeitando as limitações de sua própria estrutura anátomo-fisiológica, as estruturas dos ambientes (ecossistemas), assim como as normas sociais, desde que voltadas para o bem-estar da coletividade;
- É acontecimento ao mesmo tempo que experimentação;
- É capacidade de decidir sobre o próprio destino ao mesmo tempo que contribui para que outros tenham o mesmo direito.

Por outro lado, é possível admitir que cada indivíduo assuma ou acabe assumindo uma característica de originalidade no meio em que vive, a tal ponto de interferir na sua relação com o outro.

Neste sentido é que a autonomia também pode ser entendida como uma advertência que Morin (1980) faz ao se referir a "dialética da natureza": "Cada um para si, todos contra todos, cada um para todos, cada um para tudo, tudo para cada um, tudo contra cada um, são momentos, manifestações da mesma realidade."

(p. 60) 4

Assim, sou levado a pensar que mesmo existindo um

conjunto de fatores complexos servindo como barreiras, a aula de vanguarda, que chamei de ação forte contra o argumento fraco, é uma boa prática alternativa para modificar as situações em que vivemos, pois existe um potencial ainda inexplorado e a ser despertado em cada indivíduo envolvido por esta complexidade toda.

Enfim, é a proposta impossível de ser completamente totalizada, mas é a proposta de dar aulas, mais aulas, continuar dando aulas não com uma postura reprodutora, alienada, demagógica, discriminadora ou repressora, mas sim com conotações de interdisciplinariedade, de significância, de independência, de questionamento, de ação forte contra tudo que se oponha à real valorização do ser humano. Um verdadeiro posicionamento de vanguarda para enfrentar a nova década que está chegando e o novo século que há de vir.

CONCLUSÃO

AULA COMO AÇÃO FORTE

CONCLUSÃO

AULA COMO AÇÃO FORTE

No decorrer deste trabalho, fui usando um recurso argumentativo que começou com a minha praxis adquirida ao longo de 25 anos de magistério. Essa longa experiência, permitiu-me a dissecação de uma aula, tal como ela é percebida de maneira bem idiossincrática. Naturalmente que esta dissecação é bastante genérica e procura salientar aqueles aspectos que me chamaram mais a atenção.

Dessa análise surgiram dúvidas. Exemplificando: como fazer para melhorar a aula?

Não só uma aula de Biologia Geral ou de Anatomia Humana ou de Metodologia, mas uma aula de qualquer matéria.

Uma verdadeira aula de vanguarda.

AULA COM AÇÃO FORTE.

Através de uma estratégia tão simples quanto poderosa (o dar aulas), pude perceber outra perspectiva da complexidade dos seres humanos.

Um mundo em transformação, um mundo em mudança, um mundo onde os valores estão mudando e com eles os costumes, um mundo que corre desenfreado para um destino ainda incerto.

Dentro de panorama pouco claro, falar que o modelo

reducionista, fruto de séculos anteriores, não é mais inspirador para enfrentar este fim de século, falar da sistematização das observações, tentar uniformizar as coisas num mundo desuniformizado, é pura ilusão, pois o livre desenvolvimento do indivíduo está agredido, mutilado, ameaçado (Feyerabend, 1977, p. 22).

E como é possível alterar essas regras, essas teorias, esses princípios norteadores que estão baseados no modelo reducionista?

É importante falar no que está acontecendo, não porque ninguém o tenha falado, mas para ajudar a chamar a atenção de quem possa se interessar, sendo esta uma maneira possível de atingir o objetivo, neste caso, o aluno.

Nesta situação vigente, é lógico, é prático, propor um novo ou um outro referencial para tentar dar um direcionamento diferente para as coisas que aí estão, já que no estado em que se encontram geram insatisfações que clamam por alterações. (Foucault, 1988, p. 39)

Mas que outro direcionamento? E com quais intenções?

Não se pode esquecer a interação do homem com o todo, e que esta interação deve estar calcada numa harmonia e sincronia perfeitas, gerando um equilíbrio de forças que, com certeza, resultará num estado de bem-estar humano. Direcionar para o conviver harmônico e equilibrado do homem com o homem ou do homem com a natureza, sem segundas intenções, sem que isto implique em detenção de poder, acúmulo de capital, ideologia dominante, manipulações da dignidade humana etc.

Só assim terá sentido pensar num novo ou num outro

referencial, possível de fazer entender todas essas transformações que estão ocorrendo.

Um referencial preocupado com a visão totalizante de universo, onde a função de cada parte não é indiferente ao funcionamento do todo. Um referencial preocupado com o aproveitamento múltiplo dos ecossistemas da natureza para que possa surgir um ambiente mais humano para se viver.

Por outro lado, como é possível pensar em um mundo mais humano, face a exploração do ser humano pelo ser humano? Exploração esta configurada, principalmente, pelas três forças citadas em capítulo anterior (ecológica, alimentar e econômica), que se unem formando um triângulo, figura forte, difícil de ser rompida, intensa forma de pressionar a vida dos indivíduos, desumanizando-os.

Como romper isto? Tarefa difícil! Impossível?

Será que existe alguma possibilidade para, pelo menos, tentar minimizar esta conjunção de forças?

Acredito que existam várias possibilidades e especialmente na minha área de atuação profissional, a Educação. Por isto acredito que a aula, uma estratégia simples, aparentemente fraca, quando empregada no sentido de ver valorizado o pluralismo, de ver valorizadas todas as partes integrantes de um todo maior, harmônico e equilibrado, ela se torna forte, face ao novo referencial em que se fundamenta e aos novos objetivos pelos quais propugna. É dentro desta nova visão que ela se tornará uma aula de vanguarda.

Aula que respeite o aluno, seus anseios, seus costumes, seus procedimentos, sua vida plena. Aula como ação forte,

legitimada no próprio ser humano.

Com esta concepção de aula, não é necessário dizer:

"Resolva este exercício deste modo.

Interprete este livro usando essa técnica.

Faça esta dissecação anatômica deste modo.

Você tem que seguir esta dieta alimentar que eu preparei para você, pois sua configuração orgânica é condizente com ela, ou porque domino bem os conhecimentos das propriedades terapêuticas dos alimentos disponíveis no meio ambiente.

Faça este estudo, ou esta terapia, ou esta profilaxia, aplicando esta técnica que eu uso."

Nada disso posso, devo ou quero dizer aos alunos.

Então, o que se deve fazer?

Primeiramente, ficar ao lado do indivíduo ou do grupo, procurar conhecer a situação problema e junto dele, aceitando-o como pessoa, respeitando seu modo de viver, seus aneios e sua praxis, tentar com ele as saídas possíveis, sendo ele o principal responsável pela resolução do problema.

Desta forma, não será difícil saber o que é melhor para o aluno, ou seja: é a dieta que ela preparou; o programa que executou; a terapia que aplicou; a profilaxia que utilizou; e os hábitos que adquiriu ao longo da caminhada que empreendeu através da aula como verdadeira ação forte.

Mas aquele que orienta, que coordena atividades (o professor, independente de sua titulação), se expressa de forma importante na sua colaboração, na participação efetiva, na integração autêntica que envolve o ato de educar, sem se esquecer, entretanto, de que o aluno é o começo e o fim da

questão, no seu sentido pleno.

Desse modo, é viável conceber uma aula eficiente, significativa para os envolvidos, pois é uma aula que respeita individualidades e é preparada em função do aluno, tendo os temas ou assuntos de cada disciplina voltados para esta adequação.

Uma aula como ação forte difere muito da frieza ou da "distância" de uma aula gravada em vídeo por algum "artista", um mero reprodutor de textos, que repete e repete algo escrito previamente sem que haja ligação entre o discurso e a praxis.

Sabe-se também que o aspecto econômico mutilou a atividade do professor, o obrigou a ser um "máquina de dar aula"; que este mesmo aspecto massacrava a vida do professor, interferindo na sua alimentação, no seu poder aquisitivo, na sua qualidade de vida como um todo. Esta situação não é desconhecida, mesmo assim, minha proposta de aula como ação forte é um apelo, um grito de alerta para que interessados possam ouvir.

Esta proposta, que nada mais é que a esperança de esperar, irá se tornando possível na medida em que se for engajando nessa prática, que começa e termina com a aula, que é a oportunidade maior que está à mão de todos os professores, a fim de se dar uma invertida nesta situação vigente no ensino brasileiro, preso a tantas leis e regulamentos inoperantes.

Para o momento, é continuar dando aula com os mesmos professores, os mesmos alunos, nas mesmas escolas, mas com uma significativa "modificação", fazendo com que a aula dada hoje seja uma ação forte, com o aluno sendo bastante respeitado, observado e atendido sempre, de tal modo que seus anseios, suas angústias e preocupações sejam solucionadas adequadamente.

Qualquer matéria ensinada poderá colaborar para que ele realmente seja atendido e valorizado como ser humano que realmente é.

Não é tão importante a natureza dos assuntos a que a aula esteja ligada, não importa onde ela aconteça, não importa a técnicas que venham a ser usadas, pois, se todos esses fatores estiverem dirigidos para os envolvidos, serão simplesmente o que de melhor pode ser a eles proposto.

A aula como ação forte parece o meio de desmistificar o argumento fraco que não valoriza o ser humano, de dar condições para que, em tempo oportuno, o nível de consciência dos alunos surja de sua prática e desencadeie uma série de mudanças necessárias a eles próprios.

A aula, no sentido de jamais se sentir satisfeito com o obtido, nesta luta sem fim, é que poderá chegar a essa outra dimensão de vida, sem perder de vista o sólido fundamento que é o ser humano na natureza e na prática (vida econômica e social). E só assim será possível a "nova consciência" do mundo, a consciência do "homem novo", ligando a lucidez do indivíduo e a universalidade racional (Lefebvre, 1979, p. 44)

É a aula na sua singeleza, na sua significância, independentemente do assunto que ela possa abordar, que poderá, de forma eficiente, gerar novas propostas.

A aula como ação forte, clareando os mais diversos assuntos abordados, por estar voltada exclusivamente para o ser humano valorizado, será capaz de gerar inferências e extrapolações que permitam integrar melhor as partes curriculares e o sistema educacional como um todo.

A aula como ação forte não deixa de ser uma caminhada contra o poder, o analfabetismo, as injustiças sociais, como também a esperança de um mundo melhor, mais adequado ao homem.

Por força dessas razões, a aula é um ação forte porque:

- divulga uma mensagem carregada de autenticidade e proporciona meios para sua proliferação;

- fornece condições para que as leis, regulamentos, regras, estratégias e procedimentos sejam sempre analisadas e questionadas;

- não é partidária em nenhum momento;

- não está dissociada do momento histórico;

- releva os interesses, os anseios, as necessidades e as preocupações dos alunos;

- respeita e aceita o aluno como ele é, tornando-se personalizada;

- considera a todos e cria o espaço adequado para cada qual manifestar-se sem discriminações;

- favorece a obtenção da autonomia das pessoas;

- utiliza técnicas e estratégias que melhor atendam ao sadio desenvolvimento da personalidade do educando;

- é simples para os envolvidos e engajados na sua dinâmica, embora possa parecer complexa ou impossível para os que não se envolverem com a sua forma de ação;

Com esta nova concepção de aula, é possível acreditar na desestruturação e eliminação dos argumentos fracos incidentes na escola, colocando em seu lugar argumentos fortes, humanizantes.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BERTALANFFY, Ludwig Von. Teoria Geral dos Sistemas. Trad. de Francisco M. Guimarães. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

FEYERABEND, Paul. Contra o Método. Trad. de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIMENO, Maria Helena Lucas. A Argumentação no Discurso da Legislação do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 1984.

HAMBURGUER, Jean. Un Jour, un Homme.... Paris: Flammarion, 1981.

LEFEBVRE, Henri. Lógica Formal/Lógica Dialética. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MORIN, Edgar. 1. La Nature de la Nature. Paris: Seuil, 1977.

MORIN, Edgar. 2. La Vie de la Vie. Paris: Seuil, 1980.

MORIN, Edgard. 3. Conhecimento do Conhecimento. Trad. de Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Europa América, 1986.

MORIN, Edgard. Pour Sortir du XXe. Siècle. Paris: 1981.

ODUM, Eugene P. Fundamentals of Ecology. Philadelphia: Saunders, 1959.

ROGERS, C. R. e ROSENBERG, R. A Pessoa como Centro. Editora Pedagógica Universitária, 1977.

SANFELICE, José Luís. Sala de Aula: intervenção no real. In Regis de Moraes (org.). Sala de Aula, que Espaço é Este. São Paulo: Papirus, 1986.

SOUZA, Ailton Benedito e VIEIRA, R.A. Amaral. Poluição, Alienação, Ideologia. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Latino-Americanos, 1984.

VANDER, A. J. e outros. Fisiologia Humana. Trad. de Alcyr Kraemer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.

WERNECK, Hamilton. Ensina-mos Demais, Aprendemos de Menos. Rio de Janeiro, 1987.
